

O campeão de audiência

Uma autobiografia



WALTER CLARK
COM GABRIEL PRIOLLI

O CAMPEÃO DE AUDIÊNCIA

Uma autobiografia

Copyright © 1991, 2015 by Walter Clark e Gabriel Priolli

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Alberto Mateus**

Imagem da capa: **Folhapress**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Santana**

Impressão: **Geográfica Editora**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO – NA MÁGICA TELINHA, UM SONHO DE POETA	9
<i>Otto Lara Resende</i>	
APRESENTAÇÃO – DO OUTRO LADO DE UMA VIDA	11
<i>Gabriel Priolli</i>	
1. O PRÍNCIPE E O PLEBEU	13
2. <i>RADIO DAYS</i>	33
3. O PRIMEIRO SUTIÃ	47
4. IRMÃOS CORAGEM	64
5. NOITES DE GALA	90
6. A DEUSA VENCIDA	112
7. EU COMPRO ESTA MULHER	148
8. ESTÚPIDO CUPIDO	175
9. ESTADO DE SÍTIO	191

10. O DONO DO MUNDO	223
11. O HOMEM QUE DEVE MORRER	237
12. ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU	266
13. AMOR BANDIDO	293
14. PANTANAL	330
15. <i>ALL THAT JAZZ</i>	351
16. A PRÓXIMA ATRAÇÃO	382
POSFÁCIO	393

Prefácio

Na mágica telinha, um sonho de poeta

Otto Lara Resende

Walter Clark era apenas um garoto quando a televisão foi inaugurada no Brasil – primeiro em São Paulo, em 1950; depois no Rio, em 1951. Carioca da gema nascido em São Paulo, paulistano quatrocentão criado no Rio, Walter e a televisão logo se encontraram. E, mais do que uma coincidência, havia nesse encontro um destino.

A experiência do jovem Clark era curta e vinha da publicidade. Era lógico que o rapaz entrasse na televisão pela porta do Comercial. Quem o viu, como eu, na TV Rio daqueles hoje remotos anos de 1950 sabe com que rapidez e talento ele ampliou o seu espaço e se tornou uma presença indispensável no novo veículo, que mal sabíamos o que era e o que viria a ser.

Há sempre uma nota de bom humor na evocação desses tempos heroicos e pioneiros da televisão. Não é só a alegria de todo começo. É que no caso, além do começo, havia a novidade. Havia a inovação. Havia a revolução social que a TV em breve significaria. Pense o que quiser da televisão, mas ninguém pode negar que o Brasil é um antes dela e outro depois. Umbilicalmente ligada ao rádio, como era fatal, a televisão logo atraiu gente de todos os setores.

O que distinguia aquele rapaz inquieto e perspicaz que encontrei na TV Rio no final dos anos 1950 era exatamente a sua capacidade de entender e dominar a mágica telinha. Pois foi nela que Walter projetou o seu sonho de poeta.

Desde muito cedo, ninguém era mais homem de televisão do que Walter Clark. A profissão, a rigor, ainda não existia. Nem existia o mercado. Muito menos uma empresa organizada. A televisão era uma festa. Daí a alegria que está por baixo da recordação nostálgica daqueles tempos. À medida que se impôs ao grande público e se estruturou, a TV foi se transformando num ponto de polarização.

No universo da televisão cabem todos os mundos. Para representar o papel que representou, para ser o vetor que foi, Walter Clark tinha de ser, como foi, um traço de união. Para tanto, era dotado da empatia e da imantação necessárias. Seu interesse não se restringia ao *show business* ou à dramaturgia, ao jornalismo ou ao cinema. Basta ver o número de profissionais e o tipo de gente que atraiu para a televisão.

Em 1965, quando a TV Globo, Canal 4 do Rio, pôs no ar o seu sinal, Walter Clark era sem dúvida a mais visível das emergentes lideranças televisivas. No mesmo ano, ele se instalou na direção-geral da emissora que consolidaria a televisão entre nós e a transformaria em rede nacional. A televisão ligou o Brasil de Norte a Sul e o Brasil se ligou na televisão. A mágica telinha passou à categoria de sucedâneo da realidade; se não é por si mesma uma segunda realidade.

Dizemos todos que somos um país sem memória. Pode ser que o videoteipe e outros recursos nos ajudem a curar a nossa amnésia. Nada, porém, substitui o memorialismo, que deve ser incentivado e ampliado. É preciso contar tudo, segundo o ponto de vista e o ângulo de cada um. Nenhuma versão pode ser posta de lado ou esquecida. No caso da televisão, por mais recente que seja, há um protagonista cujo depoimento cumpre conhecer: Walter Clark.

Ainda não li, postas em ordem por Gabriel Priolli, as histórias que Walter Clark vai contar. Durante alguns anos, acompanhei o dia a dia dessa aventura pioneira. Hoje, a distância, dá para olhar para trás e fazer uma avaliação, que não precisa ser isenta de calor humano. Nem do empenho e da paixão com que Walter Clark se atirou à oportunidade e à missão histórica que a vida em boa hora lhe deu.



Apresentação

Do outro lado de uma vida

Gabriel Priolli

Qual é, afinal, a função de um *ghost writer*? Melhorar a forma, copidescar o texto básico do autor? Ouvir a história dele e contá-la nas próprias palavras? Colocar-se na pele do outro e tentar escrever como se fosse ele, narrando os fatos e fazendo comentários com base em suas ideias, sua cabeça?

Esses problemas começaram a me angustiar quando Walter Clark me convidou para trabalhar com ele neste livro. Se optássemos pelo método do copidesque, não terminaríamos o trabalho nunca. Ele não teria o tempo necessário para escrever e, mesmo que o conseguisse, haveria uma considerável “incompatibilidade de textos” entre nós dois. Estilo é estilo e cada um tem o seu. Por isso, optamos pelo método do depoimento editado e posteriormente revisado.

Entre novembro de 1990 e fevereiro de 1991, tivemos uma série de encontros, sempre em sua casa, que resultou em cerca de 50 horas de fitas gravadas. Com a experiência de ex-secretária da redação da revista *Realidade*, nos anos 1960, e uma precisão incomum nesse tipo de trabalho, Zeugma Sgroi transformou as fitas numa pilha de quase 1.500 laudas de depoimentos transcritos. Essa maçaroca foi a seguir classificada e indexada (por assunto, nomes, datas etc.) pela pesquisadora Márcia Maresti Lima, minha mulher. E, do final de fevereiro ao início de julho, as centenas de histórias e comentários de Walter foram editadas por mim, com a ajuda de Ana Cristina Souza Paiva, que digitou os capítulos.

Ao longo da redação, Walter e eu conversamos quase diariamente sobre o texto. Ele leu todos os capítulos mais de uma vez, fez inclusões, cortou trechos (poucos e insignificantes), melhorou algumas passagens, trocou adjetivos aqui e ali, conteve alguns arroubos da fase de gravação, deu mais entusiasmo a certos

momentos. O resultado, que o leitor poderá analisar nas páginas seguintes, é uma narrativa oral vertida em linguagem jornalística, isto é, com a coloquialidade, as expressões, os superlativos e mesmo algumas imperfeições típicos da língua falada. Em vez da precisão literária de um texto longamente refletido, portanto, oferecemos o calor e a vibração de uma história contada com entusiasmo a um interlocutor interessado, que estimulou com perguntas a recordação de vários temas.

Da experiência de *ghost writer*, finalmente – aliás, um *ghost* não tão *ghost* assim, posto que materializado com o nome da capa –, guardo comigo a fantástica sensação de mergulhar no íntimo de outra pessoa, vibrar e sofrer com ela. Isso não é força de expressão: em vários momentos, senti as histórias de Walter com emoção intensa. Quando terminamos, ele disse que sua “sauna da alma”, intensiva como foi (sessões de gravação de até quatro horas seguidas), valeu por uns 12 anos de psicanálise. Para mim, também – com o detalhe de que não disponho do instrumental técnico para manter o distanciamento emocional, como os analistas. De qualquer forma, descobri que o *ghost writer* é essa espécie de “terapeuta informal”. Vai ao outro lado de uma vida e expõe à luz o máximo dela. Pode não aliviar o “paciente” biografado, mas extrai dele as entranhas, para a curiosidade do leitor.

Eis o íntimo de Walter Clark, farto e cru. Sirva-se. Bom apetite.



1.

O príncipe e o plebeu

“Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de 20 casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era então tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo. Todos os anos, pelo mês de março, uma família de ciganos esfarrapados plantava a sua tenda perto da aldeia e, com um grande alvoroço de apitos e tambores, dava a conhecer os novos inventos [...]

Os meninos [...] teimavam para que seu pai os levasse para conhecer a portentosa novidade dos sábios de Mênfis, anunciada na entrada de uma tenda que, segundo diziam, pertenceu ao Rei Salomão. Tanto insistiram que José Arcádio Buendía pagou os 30 reais e os conduziu até o centro da barraca, onde havia um gigante de torso peludo e cabeça raspada, com um anel de cobre no nariz e uma pesada corrente de ferro no tornozelo, vigiando um cofre de pirata. Ao ser destampado pelo gigante, o cofre deixou escapar um hálito glacial. Dentro havia apenas um enorme bloco transparente, com infinitas agulhas internas nas quais se despedaçava em estrelas de cores a claridade do crepúsculo. Desconcertado, sabendo que os meninos esperavam uma explicação imediata, José Arcádio Buendía atreveu-se a murmurar:

– É o maior diamante do mundo.

– Não – corrigiu o cigano. – É gelo.

José Arcádio Buendía, sem entender, estendeu a mão para o bloco, mas o gigante afastou-a. ‘Para pegar, mais cinco reais’, disse. José Arcádio Buendía pagou, e então pôs a mão sobre o gelo, e a manteve posta por vários minutos, enquanto o coração crescia de medo e júbilo ao contato do mistério. Sem saber o que dizer, pagou outros dez reais para que seus filhos vivessem a prodigiosa experiência. O pequeno José Arcádio negou-se a tocá-lo. Aureliano, em compensação, deu um passo para diante, pôs a mão e retirou-a no ato. ‘Está fervendo’, exclamou assustado. Mas o pai não lhe prestou atenção. Embriagado pela evidência do prodígio, naquele momento se esqueceu da frustração das suas empresas delirantes [...]. Pagou outros cinco reais, e com a mão posta no bloco, como que prestando um juramento sobre o texto sagrado, exclamou:

– Este é o grande invento do nosso tempo.”

O Rio de Janeiro não é Macondo, a família Clark Bueno não tem nada que ver com os Buendía e eu nem remotamente poderia comparar a minha escrita ao exuberante estilo literário de Gabriel García-Márquez, autor desta maravilha da cultura latino-americana que é *Cem anos de solidão*. Mas, feita a ressalva e já avisando o leitor que não espere nenhuma obra de realismo fantástico, devo dizer que existem alguns pontos em comum entre essa cena do gelo, que García-Márquez narra logo na abertura de seu livro, e o que aconteceu na minha vida. Por isso, talvez valha a pena começar esta autobiografia contando como foi o meu contato inicial não com o gelo, mas com aquele que é, para mim, o verdadeiro grande invento do nosso tempo: a televisão.

A primeira vez que vi uma imagem de televisão foi em 1948, no Rio de Janeiro. Eu tinha 12 anos, talvez a idade do pequeno Aureliano Buendía, e também fui levado por meu pai, que não era José Arcádio, mas Milton, Milton Bueno. Não estávamos, claro, na tenda de um gigante careca de torso peludo, com um anel no nariz, de passagem por uma poeirenta cidadezinha dos confins da Colômbia. Estávamos no centro da cidade maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro,